



NAMO TASSA BHAGAVATO ARAHATO
SAMMĀSAMBUDDHASSA

Homenagem a Ele, ao Afortunado, ao Consumado,
ao Perfeitamente Iluminado

A SUPREMA REDE

(Diálogos de Buda)

◆ Edições CENTRO DE ESTUDOS BÚDICOS ◆

A SUPREMA REDE

(Brahmajāla Sutta, DN 1)

Série “Textos do Cânone Páli”: Nº 1

A SUPREMA REDE

(Brahmajāla Sutta, Dīgha Nikāya, Sutta 1)

Tradução do original páli, Notas e Apêndice

Nissim Cohen

(*upāsaka* Dhammasāri)



CENTRO DE ESTUDOS BÚDICOS
Jacareí, SP
1996, 2001

Centro de Estudos Búdicos
Rua Denise, 125
12.300-000 Jacareí, SP
Tel.: (012) 351-2547

© Nissim Cohen, 1996, 2001

*Permitida reprodução de trechos,
citando a origem*

DDC 294.391.8'121

Justamente como um homem que, afligido e oprimido pelo calor, fatigado, sedento e anelante, tivesse vindo a uma lagoa – pura, clara, doce e fresca, bem-localizada e deliciosa–, nela ele mergulharia, banhando-se e bebendo, aliviando assim toda a aflição, fadiga e dor.

Da mesma maneira, sempre que alguém ouve o Dharma (Ensinamento) do honrado Gotama, seja nos discursos, estrofes, exposições ou em fenômenos prodigiosos, toda a aflição, fadiga e dor são aliviados completamente.

(AN V, 194.1 [A iii.238])



A fim de desenvolver visão correta, as opiniões errôneas deverão ser eliminadas, e a fim de eliminá-las é necessário saber o que elas são. Com este propósito, ao longo dos sutras, o Buda tem tomado cuidado especial em explicar os diferentes disfarces que a visão errônea pode assumir e em apontar os perigos que eles envolvem. As opiniões errôneas mencionadas pelo Buda poderão ser classificadas em três categorias gerais: visões errôneas com conseqüências fixas (*niyata-micchādiṭṭhi*), opiniões especulativas (*diṭṭhigata*) e visão-de-personalidade (*sakkāyadiṭṭhi*).

Opiniões errôneas com conseqüências fixas são doutrinas que tendem a solapar os princípios básicos da moralidade pela negação da estrutura que dá sentido e validade às noções éticas. Elas incluem espécies de niilismo ético que rejeita a lei do carma, a realidade das qualidades morais, ou a eficácia do esforço. Suas conseqüências são ditas como “fixas” porque a firme adesão a estas visões é um curso insalutar de carma, obstruindo os caminhos rumo tanto aos mundos celestiais quanto à libertação.

As visões especulativas incluem todas as teorias metafísicas, crenças religiosas e princípios filosóficos concernentes a assuntos que estão além do alcance de uma possível verificação experiencial. Estas opiniões não são necessariamente um obstáculo ao renascimento em mundos superiores, mas em cada caso atuam como empecilhos no caminho rumo à libertação. Todas estas visões surgem a partir da visão-de-personalidade, a crença fundamental num eu ou entidade-ego que, como raiz de suas mais sofisticadas elaborações filosóficas, é considerada em separado.

O *Brahmajāla Sutta* é uma tentativa de levantamento metódico da mais populosa destas três classes, a classe das opiniões especulativas. As outras duas classes não são especificamente mencionadas no sutra, no entanto, elas são implicadas indiretamente. O exame das teorias especulativas não é único a este sutra, porquanto inquéritos similares dos sistemas de crenças humanos são empreendidos pelo Buda em outros sutras, sem, porém, descer tão a fundo quanto aqui.

A questão de por que o Buda está tão preocupado em desencorajar as pessoas de suas inclinações para o especulativo, é respondida em muitos sutras onde Buda descreve as adversidades provenientes da indulgência em opiniões especulativas. Opiniões procedem da ignorância e da cegueira do que do conhecimento. Elas envolvem más interpretações da experiência, provindo de distorções subjetivas dos dados experienciais atuais. Elas proclamam ser parte da verdade, toda a verdade. Opiniões levam a preconceitos, à auto-exaltação e a menoscabar os outros que mantêm opiniões diferentes. Elas resultam em apego dogmático quando alguém toma aquilo em que acredita ser a única verdade e declara todo o resto ser falso. Diferenças em opinião tornam-se o terreno para querelas e disputas (...) E, finalmente, adesão a opiniões mantém o ciclo do vir-a-ser, pela obstrução da aceitação das visões corretas que levam à cessação da ronda.

Todas as doutrinas tratadas no *Brahmajāla* originam-se de uma dentre duas fontes, raciocínio e experiência meditativa. O fato de a maioria delas ter sua fonte na experiência meditativa, nos acautela contra a generalização apressada de que as visões especulativas surgiriam devido à preferência por teorização do que à mais árdua tarefa da prática. Conforme o sutra mostra, muitas destas opiniões aparecem somente no fim de uma prolongada jornada de meditação que envolve firme renúncia, intensa devoção e um agudo zelo contemplativo. A razão do aparecimento de visões de natureza metafísica decorre do apego ao ser, a necessidade fundamental de estabelecer e manter,

A SUPREMA REDE¹

(*Brahmajāla Sutta*, *Digha Nikāya*, *Sutta 1*)

Conteúdo:

Prefácio do tradutor 9

Introdução: *Brahmajāla Sutta* e o Pensamento Budista (*Bhikkhu Bodhi*) 10

O Texto 15

Notas 38

Apêndice 44

Prefácio do Tradutor

O *Brahmajāla Sutta* é, em extensão, o segundo maior sutra do Cânone e um dos mais elaborados e multitemáticos nele encontrados. Este compõe-se de uma breve introdução que serve de motivo para introduzir duas principais seções que se lhe seguem. Nessa introdução, Buda apresenta com rara finura psicológica os critérios básicos necessários para julgar com isenção e objetividade o que é dito ou debatido entre as pessoas — coisa que exige um autocontrole considerável.

Daqui somos introduzidos à primeira seção sobre a Moralidade; o mais completo e detalhado tratado sobre o assunto no Cânone e que é repetido nos subsequentes doze sutras. A par do seu valor espiritual e religioso, esta seção oferece um interesse inusitado e inestimável aos historiadores e cientistas sociais. É que na antiga Índia não existiam livros históricos, e esses profissionais dependem para suas pesquisas dos textos religiosos da época que freqüentemente descrevem, com minúcias, cenas da vida cotidiana, revelando os costumes, crenças, ocupações, etc.

A segunda divisão versa sobre as teorias especulativas reinantes à época, de cuja análise se encarrega competentemente a introdução do Ven. Bhikkhu Bodhi, que segue.

Uma característica estrutural dos textos do Cânone são as repetições, que eram um meio mnemônico de ajudar a fixar esses ensinamentos na mente dos discípulos, já que a transmissão se fazia oralmente. No entanto, na nossa época isso torna-se amiúde um empecilho para uma leitura fluente dos textos. Conseqüentemente, convencionou-se adotar alguma forma de abreviação, que depende de cada tradutor. No presente caso, apresentamos o trecho repetitivo na íntegra, na sua primeira e última ocorrências, enquanto que nas intermediárias damos a sentença ou o parágrafo inicial seguido de reticências, ..., a indicar que o texto segue identicamente a sua ocorrência anterior. Quando algum trecho é omitido, empregamos as reticências entre parênteses, (...). Adicionalmente, para maior clareza da leitura, dividimos o texto em subsecções de acordo com os assuntos nele tratados. Finalmente, para dar uma visão geral das teorias apresentadas pelo Buda, as resumimos num apêndice com que fechamos esta publicação.

Introdução: Brahmajāla Sutta e o Pensamento Budista

Brahmajāla Sutta é o primeiro sutra do Dighanikāya, e lhe foi dado esta posição estratégica por deliberado projeto por parte dos compiladores do Cânone, tendo em vista sua significância tanto intrinsecamente quanto em relação ao ensinamento do Buda como um todo. Assim como, em termos de posição, o sutra se encontra na entrada da coleção total dos discursos proferidos pelo Buda, assim também sua principal mensagem provê um prolegômeno ao Ensino inteiro como tal. É, por assim dizer, a sentinela no portão da Doutrina, cujo selo de aprovação deverá ser obtido para que se possa cruzar a fronteira que separa o entendimento de Buda quanto à realidade, de todas as outras tentativas de uma interpretação refletiva da situação existencial do homem.

A suprema importância do Brahmajāla no contexto do pensamento budista surge da própria natureza do ensinamento de Buda — de seu objetivo e da metodologia que emprega para realizar este objetivo. O objetivo do ensinamento é o atingimento do nirvana, o estado incondicional que está além da sucessão dos repetidos nascimentos e mortes que constituem o *saṃsāra*, a ronda da existência; esta emancipação da ronda com todos os seus sofrimentos, acalma o processo de condicionamento que leva a uma renovação constante do ciclo. Agora, o que nos mantém em cativeiro são nossos defeitos morais (*kilesa*). Enquanto os defeitos morais, nossas paixões e delusões, se mantiverem no subconsciente, o ciclo de vida e morte se repetirá. A única maneira de dar termo a esta ronda é removendo as fontes que a mantêm em movimento, penetrando nas suas origens. A causa mais fundamental das nossas corrupções [morais] é a ignorância (*avijjā*). Ignorância é a fonte da qual brotam, e a raiz que as mantém no lugar. Por esta razão, a chave para a destruição dos defeitos e para se ganhar emancipação da ronda, está na destruição da ignorância.

Ignorância é a incompreensão das realidades — uma cegueira espiritual que cobre a “verdadeira natureza dos darmas”, impedindo-nos de ver as coisas conforme elas são. Seu antídoto é a sabedoria (*paññā*), uma maneira de entender as coisas livre das distorções e perversões das predisposições subjetivas — claramente, corretamente, precisamente. Como oposto à ignorância, sabedoria é o instrumento primário na busca da iluminação e da emancipação.

O atingimento do nirvana se processa em estágios, no último dos quais as corrupções são completamente erradicadas, sem deixar qualquer resíduo. Esta consumação não se dá, porém, fortuitamente. Como todo evento, ela faz parte do processo universal de condicionalidade, e assim pode ocorrer somente como a culminância de um longo curso de desenvolvimento preparatório que lhe provê condições de apoio. Este curso começa da mesma maneira que termina, com um ato de entendimento. É a experiência do sofrimento [e o sentido de “urgência”] que impele um homem a procurar pelo ensinamento de Buda, mas é a sabedoria ou o entendimento que leva-no a aceitar o ensinamento e pôr os pés no caminho. Porquanto, para poder adentrar o caminho, ele deve chegar a entender que sofrimento não é um mero acidente encrustado na vida que pode ser aliviado por simples paliativos, mas algo inerente à existência senciente em si; e ele deve chegar a compreender que sua causa não é algum conjunto de circunstâncias evitáveis, mas são suas próprias delusões e desejos, que ele pode endireitá-los seguindo o caminho prescrito. Este é o primeiro passo essencial; e assim como o último passo de uma longa jornada não difere em natureza do primeiro, mas somente na sua posição na série, assim também o irrompimento final da sabedoria pelo qual ignorância é eliminada e iluminação ganha, não difere em essência mas somente em força, clareza e poder de penetração, da primeira que levou o homem a iniciar esta longa e desafiante marcha.

Na sua forma rudimentar, como uma aceitação intelectual da doutrina ensinada pelo Buda, a sabedoria provê o ímpeto para um processo desdobreado de cultivo meditativo que transmutará esta visão intelectual numa visão direta. Por isso, na exposição do Nobre Caminho Óctuplo a “visão correta” (*sammādiṭṭhi*) é dada primeiro. Da visão correta brotam todos os restantes fatores do caminho, culminando no conhecimento correto e na emancipação correta. Mas, para que este embrião de entendimento correto venha a crescer apropriadamente é necessário, de início, remover a tropa de opiniões errôneas, falsas crenças e convicções dogmáticas que ameaçam seu desenvolvimento a cada passo. Portanto, como o precursor do caminho, a primeira tarefa da visão correta é discriminar entre visões corretas e errôneas. Conforme o Buda explica: “Visão correta, *bikshus*, é a precursora (*pubbaṅgama*). E como a visão correta é precursora? Se alguém entender a visão errônea como visão errônea e entender a visão correta como visão correta, isto é visão correta” (MN 117). Visão correta e visão errônea cada uma opera em dois níveis, um concernente à natureza da atualidade e o outro concernente às doutrinas acerca da natureza da atualidade. Visão errônea ao mesmo tempo confunde a natureza da atualidade e não pode distinguir entre doutrinas corretas e errôneas acerca da natureza da atualidade. Somente quando a visão correta prevalecer, a discriminação correta entre as duas visões será feita. Enquanto a visão errônea prevalecer, a distinção entre elas permanecerá invisível, e o desenvolvimento dos restantes fatores do caminho será impossível.

1.6. Mas, bikshus, se outros falarem em louvor de mim ou do Darma ou do Sangha, nem por isso vós deveríeis dar lugar em vosso coração ao prazer, alegria ou exultação. Se vós fostes ficar contentes, alegres ou exultantes em tal caso, isto só seria um empecilho para vós mesmos. Se outros falarem em louvor de mim ou do Darma ou do Sangha, vós deveríeis admitir o que é correto como fato, dizendo: ‘Por tal e tal razão, isto é um fato, isto é correto, há tal coisa em nós, é encontrado em nós’.”

II. Moralidade (*Sīla*)

III.a. A Secção Menor sobre Moralidade (*Cūḷasīla*)⁸

1.7. Bikshus, é com respeito apenas a matérias triviais e elementares, à mera (prática) moral que uma pessoa ordinária⁹ louvaria o Tathāgata.¹⁰ E quais são estas matérias triviais e elementares de mera (prática) moral que ele elogiará?

1.8. “Tendo abandonado a tomada de vida aos seres, o asceta Gotama abstém-se de tomada de vida. Ele pôs de lado a vara e a espada; consciencioso e cheio de bondade, ele vive movido pelo bem-estar do todos os seres sencientes.” É assim, bikshus, que a pessoa ordinária falaria ao elogiar o Tathāgata.¹¹

“Tendo abandonado a tomada daquilo que não é dado, o asceta Gotama abstém-se de tomar o que não é dado. Tomando somente o que é dado, aguarda pelo donativo; não cometendo nenhum furto, ele vive como alguém cujo ser é puro.”

“Tendo abandonado a sensualidade, o asceta Gotama é um seguidor da vida divina. Ele vive afastado do que é mundano e abstém-se de relações sexuais.”

1.9. “Tendo abandonado a fala mentirosa, o asceta Gotama abstém-se de fala mentirosa. Ele é veraz e confiável; fidedigno e digno de confiança, ele não é embusteiro do mundo.”

“Tendo abandonado a fala caluniosa [ou bisbilhotice], o asceta Gotama abstém-se de fala caluniosa. Tendo ouvido (algo) aqui o não relata acolá com o fito de causar dissensão entre os de cá, ou tendo ouvido (algo) acolá o não relata aqui com o fito de causar dissensão entre os de lá; desta maneira ele é um conciliador dos divididos, ou um encorajador dos unidos. Ele acha prazer na união, deleita-se na união, regozija-se na união e torna-se um enunciador de fala promotora de união.”

“Tendo abandonado a fala rude, ele é um abstinente de fala rude; justamente aquela fala que é imaculada, agradável ao ouvido, afável, que toca o coração, polida, aprazível e encantadora a muita gente —, de tal tipo de fala

dentro da personalidade empírica, uma base permanente de eu ou existência individualizada. Isto resulta numa “visão-de-personalidade” que afirma a presença de um eu duradouro no organismo psicofísico numa dentre vinte maneiras, conforme descrito no sutra. Já surgida num nível pré-refletivo, esta visão por sua vez torna-se a base para posterior interpretações refletivas da existência, cristalizando-se numa das 62 visões descritas no sutra. Conforme explanado: “Agora, dono-de-casa, quanto a estas diferentes visões que surgem no mundo... e quanto a estas 62 visões descritas no Brahmajāla, é devido à visão-de-personalidade que elas surgem, e se a visão-de-personalidade não existir, elas não existem”. (SN IV.7.3)

Dado que a noção de um eu duradouro é aceita sem crítica num nível de experiência ordinária, atingimentos superiores em meditação, conforme mostrado no sutra, não será suficiente para eliminar esta noção, mas só a reforçará pelo provimento de uma verificação aparente do eu originalmente pressuposto no início da prática. É como se alguém usando óculos com lentes vermelhas fosse conduzido de um quarto para um campo aberto. A mudança de cena não alterará a cor da sua visão, enquanto não mudar de óculos. Analogamente, se alguém começar a prática com uma opinião do eu e persistir nesta visão, então tudo o que se desenvolver no decorrer da prática servirá para confirmar a tese inicial. Os atingimentos em si não alterarão a visão, enquanto os estados mais profundos de consciência que se desdobrarão, serão mal interpretados em termos da noção errônea.

O que é essencial, portanto, do ponto de vista budista, não é simplesmente praticar e não teorizar, mas praticar com base em entendimento correto. Assim, em contraste com os sistemas especulativos, o sistema de meditação budista toma como sua fundação a doutrina do não-ego ou não-eu (*anattā*). Quaisquer estados de experiência que surgem no decurso da prática, seja no nível ordinário ou no elevado, deverão ser escrutinados à luz das três características de impermanência, sofrimento e não-eu. Desta maneira a tendência para se identificar com estas experiências ou delas se apropriar em termos do conceito de eu, é eliminada.

É interessante notar que no Brahmajāla não se fornecem críticas específicas das posições doutrinárias e, tampouco, se tenta refutar os princípios gerais que redigem cada classe de opinião; ao invés disso, ele simplesmente se contenta em explicar cada posição e demonstrar a situação causal a partir da qual ela surge. A relutância de Buda em se engajar em argumentações é conhecida, e é atribuída a várias causas: a sua posição de sábio iluminado, que não possui aversão nem inclinação para querelas sobre diferenças entre doutrinas; o fato de opiniões conflitantes sobre cada uma das posições doutrinárias já serem do conhecimento geral, o que tornaria desnecessário para o Buda inventar suas próprias refutações, etc. Até mesmo a alegação de que experiência meditativa é uma fonte infalível de conhecimento seria difícil de manter, em vista das diferentes conclusões a que as diversas partes chegavam.

Uma outra razão, provavelmente mais forte, seria que o Buda não se dava ao trabalho de refutar cada visão em separado, porquanto o foco primário de sua preocupação não seria tanto o conteúdo da opinião, mas, a doença subjacente da qual a inclinação para dogmas especulativos é um sintoma. Esta é a doença de *dukkha* ou sofrimento. Buda freqüentemente recusou-se a dar uma resposta definitiva a qualquer uma das questões metafísicas que circulavam entre os pensadores de seu tempo, sob a

alegação de que uma solução destas questões era irrelevante ao problema do sofrimento, cuja cura era o objetivo de seu ensinamento. Pela mesma razão, Buda não entra em críticas detalhadas das soluções propostas, uma vez que sua preocupação é com o imediato problema existencial do sofrimento, e sua abordagem é lidar com ele diretamente, sem evasivas nem subterfúgios. Isto não quer dizer que Buda dispensa a propensão para teorização como um fenômeno desconectado do problema de sofrimento; ao contrário, ele vê a articulação de teorias metafísicas como parte e parcela da doença que ele deseja curar. Aceitar qualquer uma destas opiniões especulativas é cair dentro “do matagal de visões, do deserto de visões, do conflito de visões, da agitação de visões, dos grilhões de visões” (MN 72). Todas estas opiniões são “atendidas com sofrimento, vexames, desespero e febre”, e “agrilhoadas por elas, o ignaro mundano não é libertado do nascimento, envelhecimento e morte, da tristeza, lamentação, dor, mágoa e desespero, ele não é libertado do sofrimento” (MN 2).

As visões especulativas são parte do fenômeno de *dukkha*, porquanto elas representam uma mal-direcionada procura de segurança, diferentemente da procura budista. O erro é duplo: primeiro, na noção primária em cujos termos segurança é entendida; e segundo, no lugar onde ela é procurada. Em todas as doutrinas tratadas por Buda, a noção de segurança é interpretada em termos de um eu concreto que, pelo budismo, é uma falsa noção nascida da ignorância, do anelo e do apego. Em segundo lugar, uma vez este conceito de eu aceito, ele exige ser preenchido com um conteúdo que o teorista o faz apelando para um dos cinco agregados; mas, este conceito implica permanência, enquanto os cinco agregados são todos impermanentes — sujeitos ao surgimento, decaída e passamento. Assim, qualquer tentativa de neles encontrar um poste de segurança levará invariavelmente à frustração e ao sofrimento. A maneira adequada de tratar desta doença é procurar as causas subjacentes e aplicar o remédio apropriado para eliminar estas causas. O remédio é o caminho que substitui a cegueira das visões pela intuição direta, o Nobre Caminho Óctuplo “que leva à visão [correta], ao conhecimento, à paz, ao entendimento, à iluminação, ao nirvana”.

[resumido do:

Bhikkhu Bodhi, *The All-Embracing Net of Views*, pág.1-11, Buddhist Publication Society, Kandy, 1978]



O Texto

[I. Introdução - Críticas e Elogios: sua influência sobre a verdade]

1.1. Assim eu ouvi². Certa vez, o Bem-aventurado estava percorrendo a estrada principal entre Rājagaha e Nālandā³ na companhia de uns quinhentos bikshus.⁴ O andarilho-mendicante Suppiya também estava percorrendo a mesma estrada com seu aluno, o jovem Brahmadata. Justamente então o andarilho Suppiya⁵ falava de diversas maneiras em desprezo do Buda, do Dharma e do Sangha⁶, enquanto seu aluno, o jovem Brahmadata, falava de diversas maneiras em louvor dos mesmos. Assim estes dois, preceptor e aluno, mantendo opiniões diretamente opostas um ao outro, seguiam no encalço do Bem-aventurado e da Ordem dos bikshus.

1.2. Então o Bem-aventurado parou no parque real Ambalattikā para pernoitar junto com a Ordem dos bikshus. Suppiya também parou no mesmo local para pernoite junto com seu aluno Brahmadata. E Suppiya continuou insultando o Buda, o Dharma e o Sangha, enquanto seu aluno Brahmadata os defendia.

1.3. Ora, de manhã cedo, alguns bikshus, tendo se levantado, reuniram-se no Pavilhão Circular e este era o rumo que sua conversa tomou: “Quão maravilhoso e admirável é isto, amigos, que o Bem-aventurado, o Arahant⁷, o plenamente Iluminado, que sabe e vê, venha a distinguir claramente as diferentes inclinações dos seres! Porquanto, aqui, enquanto o andarilho-mendicante Suppiya fala de diversas maneiras em desprezo do Buda, do Dharma e do Sangha, seu aluno, o jovem Brahmadata, fala em seu louvor. E assim discutindo, eles seguem no encalço do Bem-aventurado e de sua Ordem dos bikshus.”

1.4. Então o Bem-aventurado, estando ciente de qual era o assunto da conversa dos bikshus, foi ao Pavilhão Circular e sentou-se no assento preparado. Tendo se sentado, ele disse: “Bikshus, qual era o assunto de vossa conversa enquanto sentados aqui? Qual a fala que eu interrompi?” E eles lhe contaram.

1.5. “Bikshus, se outros falarem em desprezo de mim ou do Dharma ou do Sangha, vós não deveríeis, por causa disto, dar lugar em vosso coração ao ressentimento, raiva ou animosidade. Se vós fostes ficar zangados ou transtornados em tal caso, isto só seria um empecilho para vós mesmos. Porque, ao nos menoscabarem, se vós fostes ficar zangados ou descontentes, vós poderíeis reconhecer se o que eles dizem é correto ou não?”

“Certamente não, Senhor.”

“Se, bikshus, outros falarem em desprezo de mim ou do Dharma ou do Sangha, vós deveríeis deslindar o que é falso e apontá-lo como falso, dizendo: ‘Por tal e tal razão, isto é falso, isto é incorreto, não há tal coisa em nós, isto não é encontrado em nós.’”

—, o asceta Gotama abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas.”

É assim, bikshus, que a pessoa ordinária falaria ao elogiar o Tathāgata.

[III. Sessenta e Dois Pontos de Vista Errôneos]

1.28. Existem, bikshus, outros darmas,¹⁵ profundos, difíceis de ver, difíceis de entender, pacíficos e sublimes, que estão além da esfera do raciocínio, sutis, compreensíveis somente aos sábios, que o Tathāgata — tendo-os realizado por si mesmo com conhecimento direto — os proclama; e é a respeito destes que aqueles, que acertadamente louvariam o Tathāgata em concordância com a verdade, fariam. E quais são estes darmas?

[III.a. Especulações Acerca do Passado (*Pubbantakappika*)]

1.29. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são especuladores do passado, que têm opiniões fixas sobre o passado e que, apoiados em dezoito razões, propõem várias teorias especulativas acerca do passado. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam suas especulações?

[1. Eternalismo (*Sassatavāda*): Pontos de Vista 1 - 4]

1.30. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são eternalistas e que, com base em quatro razões, proclamam a eternidade do eu [alma?] e do mundo.¹⁶ Como e com que base esses honrados proclamam seus pontos de vista?

1.31. Aqui, bikshus, um certo asceta ou brâmane, por meio de ardor, empenho, aplicação, diligência e atenção correta, atinge tal grau de concentração mental que, com sua mente assim concentrada, ele rememora suas existências no passado: isto é, um nascimento, dois nascimentos, três, quatro, cinco, dez nascimentos; (...) cem, mil ou cem mil nascimentos; muitas centenas, milhares e centenas de milhares de nascimentos. (Ele se lembra): “Lá eu tinha tal e tal nome, pertencia a tal e tal clã, tal e tal era minha alimentação, eu experimentei tais e tais prazeres e dores, tive tal e tal tempo de vida. Tendo partido de lá (ao falecer), eu surgi ali. Lá eu tinha tal e tal nome... E tendo partido de lá, eu surgi aqui.” Assim ele rememora suas numerosas vidas passadas, nos seus modos e detalhes.

E ele diz: “O eu e o mundo são eternos, estéreis,¹⁷ estáveis qual o pico de uma montanha, firmes como um pilar. E embora esses seres vagueiem e perambularem (através dos ciclos de existência), morram e ressurgam, não obstan-

torna-se ele um enunciador.”

“Tendo abandonado a tagarelice frívola [ou ociosa], ele é um abstinente de tagarelice frívola; ele fala no tempo apropriado, fala daquilo que é real, fala do que tem sentido, fala do Dharma (lei natural), fala dos regulamentos disciplinares; em tempo oportuno ele pronuncia palavras (que valem) entesourar, bem-fundamentadas, circunscritas e proveitosas.”

É assim, bikshus, que a pessoa ordinária falaria ao elogiar o Tathāgata.

1.10. “O asceta Gotama abstém-se de danificar sementes e plantas.

Ele toma uma refeição por dia, abstendo-se de comer de noite e de tomar alimentos em tempos impróprios.

Ele abstém-se de assistir a espetáculos de feiras, danças, canto e música; de usar grinaldas, de embelezar-se com perfumes e de adornar-se com cosméticos; de usar camas largas e altas (luxuosas); de aceitar prata e ouro, grãos não-cozidos e carne cru, mulheres e meninas, escravos e escravas, animais, campos cultivados e terras virgens¹².

Ele abstém-se de atuar como intermediário ou mensageiro; de comprar e vendas; de fraudar com pesos, metais (moedas?) e medidas; dos meios desonestos de suborno, trapaça e fraude.

Ele abstém-se de ferir, matar, aprisionar, banditismo nas estradas, pilhagem e violência.”

É assim, bikshus, que a pessoa ordinária falaria ao elogiar o Tathāgata.

[II.b. A Seção Intermédia sobre Moralidade (*Majjhimasīla*)]

1.11. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes, enquanto vivendo de alimentos fornecidos pelo crente, mantêm-se adictos a causar danos às mudas e às plantas — sejam elas propagadas de raízes, de caules, de artigos (nós), de brotos ou de sementes —, o asceta Gotama abstém-se de danificar mudas e plantas.”

1.12. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos ao uso e desfrute de bens armazenados, tais como alimentos, bebidas, roupas, equipagens, roupas de cama, perfumes e diversos comestíveis —, o asceta Gotama abstém-se de usar bens armazenados.”

1.13. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos à assistir a [diversos] espetáculos [são enumerados 16 tipos diferentes] —, o asceta Gotama abstém-se de assistir a tais espetáculos.”

1.14. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos a jogos e recreações [são enumerados 18 diferentes jogos e passa-tempos] —, o asceta Gotama abstém-se de tais jogos e recreações.”

1.15. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos ao uso de camas e assentos, largos e altos (luxuosos) [são enumerados 20 tipos de camas, sofás, travesseiros e cobertores] —, o asceta Gotama abstém-se de usar camas e assentos, largos e altos.”

1.16. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos ao uso de meios de adorno e embelezamento [diversos meios são mencionados] —, o asceta Gotama abstém-se de tais dispositivos de adorno e embelezamento.”¹³

1.17. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos à conversa baixa,¹⁴ tal como: conversa acerca de reis, ladrões, ministros, exércitos, perigos e guerras; conversa sobre alimentos, bebidas, roupas, camas, grinaldas e perfumes; conversa sobre relacionamentos, equipagens, vilarejos, vilas, cidades e países; conversa sobre mulheres e heróis; bisbilhotice nas ruas e junto aos poços de água; conversa acerca de defuntos; bate-papo dessultório; especulações acerca do mundo e do mar; conversa acerca de ganhos e perdas —, o asceta Gotama abstém-se de tal conversa baixa.”

1.18. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos à argumentação altercadora —, o asceta Gotama abstém-se de tais argumentações altercadoras.”

1.19. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos a servir de portadores de mensagens e recados para reis, ministros, nobres, brâmanes, donos-de-casa e jovens (...) —, o asceta Gotama abstém-se de trazer e levar mensagens e recados.”

1.20. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... mantêm-se adictos a (fazer) trapaças, mastigação (de orações, etc.), adivinhação e esconjuro, enquanto sempre perseguem o ganho —, o asceta Gotama abstém-se de tais trapaças e palpites.”

É assim, bikshus, que a pessoa ordinária falaria ao elogiar o Tathāgata.

[II.c. A Secção Maior sobre Moralidade (Mahāsīla)]

1.21. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, como: quiromancia; divinação por meio de presságios e sinais; augúrios...; prognosticação pela interpretação de sonhos; ler a sorte...; oblações com fogo, do colherão, aquelas oferecidas aos deuses [5 tipos especificados] e da boca; oferecimento de sacrifícios de sangue aos deuses; predições...; esconjuro de demônios no cemitério e de fantasmas; conhecimento de encantamentos...; encantamentos contra serpentes; (...) vaticinar o número de anos que alguém ainda viverá; recitação de encantamentos para dar proteção contra flechas, para entender a voz dos ani-

mais —, o asceta Gotama abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas.”

1.22. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como a interpretação do significado da cor, forma e outros aspectos das [diversas] coisas para determinar se elas pressagiam ventura ou infortúnio para os seus donos —, o asceta Gotama abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas.”

1.23. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como fazer predições [em questões militares, vários exemplos são dados] —, o asceta Gotama abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas.”

1.24. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como fazer predições [sobre a Lua, o Sol, as estrelas, os meteoritos e seus movimentos; sobre ocorrências de fogo no céu, terremotos, trovoadas; surgimento, desaparecimento, aclaramento e escurecimento da Lua, do Sol e das estrelas; os resultados a serem esperados dos fenômenos acima] —, o asceta Gotama abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas.”

1.25. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como fazer predições: haverá abundantes chuvas, seca, boa colheita, escassez de alimentos, segurança, perigo, doenças, boa saúde; ou (ganham a vida por) contagem, cômputo, compondo poesias, filosofando [sofística] —, o asceta Gotama abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas.”

1.26. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes... ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como: arranjando datas e tempos auspiciosos para casamentos, noivados e divórcios; fixando um tempo de sorte para economizar ou gastar dinheiro; uso de encantamentos...; usar feitiços...; obter respostas oraculares a perguntas por meio de um espelho, uma garota (possuída?) ou um deva; adoração do Sol; servir ao Grande (Brahmā?); cuspir fogo pela boca; invocar Sirī, a deusa da sorte —, o asceta Gotama abstém-se de tais meios de vida errôneos e artes baixas.”

1.27. “Ao passo que alguns honrados ascetas e brâmanes, enquanto vivendo de alimentos fornecidos pelo crente, ganham a vida por meios de vida errôneos, por meio de artes baixas, tais como: prometer presentes aos devas em troca de favores e cumprir tais promessas; recitação de encantamentos...; provocar virilidade ou impotência; preparar e santificar sítios para casas; ministrar rituais...; oferecer sacrifícios; dar eméticos, purgantes e remédios para diversas partes do corpo; curar cataratas; praticar a cirurgia e a pediatria; dar medicamentos (bálsamo, etc.) para sanar os efeitos colaterais dos remédios anteriores

todo o sempre. Mas nós, que fomos corruptos ludicamente, passamos um tempo excessivo dados aos deleites do jogo e da diversão. Como consequência, pela dissipação da mentação plena, sofremos queda daquele estado e viemos aqui — e nós somos impermanentes, instáveis, de curta vida e destinados a perecer.²⁷

Esta é, bikshus, a segunda razão...

2.10. No terceiro caso... Existem certos devas denominados “corrompidos mentalmente”.²⁸ Eles passam um tempo excessivo contemplando um ao outro atentamente.²⁹ Como consequência, seus corações se tornam corrompidos. Com os corações corrompidos, seus corpos e mentes extenuam-se; e estes devas sofrem queda daquele estado.

2.11. Agora, bikshus, isto pode vir a ocorrer que um certo ser, após ter sofrido queda daquele estado, venha (a surgir) aqui. Tendo vindo aqui, ele abandona a vida caseira e adota a vida sem lar. Tendo renunciado, ele, por meio de ardor... rememora sua existência precedente, mas nenhuma anterior a esta.

2.12. Ele fala assim: “Aqueles honrados devas, que não estão corrompidos mentalmente, não passam um tempo excessivo contemplando um ao outro atentamente. Como consequência, seus corações não se tornam corrompidos. Com os corações não corrompidos, seus corpos e mentes não se extenuam; e eles não sofrem queda daquele estado. Eles são permanentes... Mas nós, que fomos corruptos mentalmente... — nós somos impermanentes, instáveis, de curta vida e destinados a perecer.”³⁰

Esta é, bikshus, a terceira razão...

2.13. No quarto caso... Aqui, bikshus, um certo asceta ou brâmane é adicto à lógica e ao raciocínio. Inculcado pela razão, deduzido logicamente, ele declara seu ponto de vista seguindo sua própria linha de pensamento, assim: “Aquilo que é chamado olho ou ouvido ou nariz ou língua ou corpo — este é um eu, impermanente, instável, não-eterno, sujeito à mudança. Mas, aquilo que é chamado coração (*citta*) ou mente (*mano*) ou consciência (*viññāṇa*) é um eu permanente, estável, eterno, não sujeito à mudança, e permanece o mesmo para todo o sempre”.³¹

Esta é, bikshus, a quarta razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes, proclamam a eternidade parcial e a não-eternidade parcial do eu e do mundo.

2.14. É com base nessas quatro razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes, que são eternalistas com respeito a algumas coisas e não-eternalistas com respeito a outras coisas, proclamam a eternidade parcial e a não-eternidade parcial do eu e do mundo.... Fora estas não há nenhuma outra.

2.15. [repete § 1.36-37]

te o eu e o mundo permanecem os mesmos para todo o sempre. Qual a razão disto? Porque eu, por meio de ardor, empenho, aplicação, diligência e atenção correta, atinjo tal grau de concentração que, com minha mente assim concentrada, rememoro minhas numerosas vidas passadas, nos seus modos e detalhes. Por esta razão eu sei isto: o eu e o mundo são eternos, estéreis, estáveis qual o pico de uma montanha, firmes como um pilar. E embora esses seres vagueiem e perambulem, morram e ressurjam, não obstante o eu e o mundo permanecem os mesmos para todo o sempre.”

Esta é, bikshus, a primeira razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes proclamam a eternidade do eu e do mundo.

1.32. No segundo caso... Um certo asceta ou brâmane, por meio de ardor... rememora suas existências no passado: isto é, (ao longo de) um éon de contração e expansão do mundo, dois, três, quatro, cinco, dez éons de contração e expansão do mundo.¹⁸ (Ele se lembra): “Lá eu tinha tal e tal nome... [o resto é igual ao § 1.31, exceto pelo espaço de tempo rememorado].

Esta é, bikshus, a segunda razão...

1.33. No terceiro caso... Um certo asceta ou brâmane, por meio de ardor, empenho, aplicação, diligência e atenção correta, atinge tal grau de concentração mental que, com sua mente assim concentrada, ele rememora suas existências no passado: isto é, (ao longo de) dez éon de contração e expansão do mundo, vinte, trinta, quarenta éons de contração e expansão do mundo. (Ele se lembra): “Lá eu tinha tal e tal nome... [o resto é igual ao § 1.31, exceto pelo espaço de tempo rememorado].

Esta é, bikshus, a terceira razão...

1.34. No quarto caso... Um certo asceta ou brâmane é adicto à lógica e ao raciocínio. Inculcado pela razão, deduzido logicamente, ele declara seu ponto de vista seguindo sua própria linha de pensamento, assim: “O eu e o mundo são eternos, estéreis, estáveis qual o pico de uma montanha, firmes como um pilar. E embora esses seres vagueiem e perambulem (através dos ciclos de existência), morram e ressurjam, não obstante o eu e o mundo permanecem os mesmos para todo o sempre.”

Esta é, bikshus, a quarta razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes proclamam a eternidade do eu e do mundo.

1.35. É com base nessas quatro razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes que são eternalistas, proclamam a eternidade do eu e do mundo. E quaisquer ascetas ou brâmanes que venham a proclamar a eternidade do eu e do mundo, todos eles o fazem com base nestas razões, ou numa delas. Fora estas não há nenhuma outra.

1.36. Isto, bikshus, o Tathāgata entende: estes pontos de vista assim apre-

didos e a eles aderidos, levarão a tal e tal futuro destino, a tal e tal estado num mundo além. Isto o Tathāgata sabe, e também o que o transcende, mas ele não está apegado a este próprio entendimento. E estando livre de apego (e mal-compreensão), ele realizou dentro de si a perfeita paz. Tendo entendido, como realmente são, o surgimento e a dissolução dos sentimentos, sua atração, seu perigo e o meio de libertar-se deles, o Tathāgata é emancipado completamente.

1.37. Estes, bikshus, são aqueles darmas que são profundos, difíceis de ver, difíceis de entender, pacíficos e sublimes, que estão além da esfera do raciocínio, sutis, compreensíveis somente aos sábios, que o Tathāgata — tendo-os realizado por si mesmo com conhecimento direto — os proclama; e é a respeito destes que aqueles, que acertadamente louvariam o Tathāgata em concordância com a verdade, fariam.

[2. Eternalismo Parcial (*Ekaccasassatavāda*): Pontos de Vista 5 - 8]

2.1. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são eternalistas com respeito a algumas coisas e não-eternalistas com respeito a outras coisas, e que, com base em quatro razões, proclamam a eternidade parcial e a não-eternidade parcial do eu e do mundo. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

2.2. Chega uma época, bikshus, quando cedo ou tarde, após o intervalo de um longo período, este mundo contrai-se. Enquanto o mundo está se contraindo, os seres na sua maioria aparecem na (esfera de) Ābhassara.¹⁹ Lá eles existem, feitos de mente,²⁰ alimentando-se de enlevo,²¹ autoluminosos, movimentando-se através do ar, subsistindo em glória —, e assim eles permanecem por um longo período de tempo.

2.3. Mas chega uma época, bikshus, quando cedo ou tarde, após intervalo de um longo período, este mundo começa a se expandir de novo. Enquanto o mundo está se expandindo, um palácio de Brahmā aparece, vazio. Então um certo ser, como decorrência da exaustão ou do seu tempo de vida ou do seu mérito,²² sofre queda do estado de Ābhassara e surge no palácio vazio de Brahmā. Lá ele habita, feito de mente, alimentando-se de enlevo, autoluminoso, movimentando-se através do ar, subsistindo em glória —, e assim ele permanece por um longo período de tempo.

2.4. Então, como decorrência de lá ter habitado a sós por tão longo período, surge nele insatisfação e desassossego (e ele anseia): “Oh, se outros seres viessem a este lugar!” Justamente neste momento, devido a exaustão ou do seu tempo de vida ou do seu mérito, outros seres sofrem queda do estado de Ābhassara e surgem no palácio de Brahmā, na companhia deste. Lá eles habitam, feitos de mente... —, e assim eles permanecem por um longo período de

tempo.

2.5. Então, bikshus, o ser que lá surgiu primeiro pensa consigo mesmo: “Eu sou Brahmā, o Grande Brahmā, o Conquistador, o Inconquistável, o Todo-Vidente, o Todo Poderoso, o Senhor, o Fazedor e Criador, o Soberano, o Designador e Ordenador, o Pai de tudo que existe e existirá.”²³ Estes seres foram criados por mim. Por que razão? Porque eu primeiro pensei: ‘Oh, se outros seres viessem a este lugar!’ E após eu ter tido esta aspiração mental, estes seres vieram.”

E os seres que surgiram depois dele pensam: “Este, amigos, deve ser o Brahmā, o Grande Brahmā... Nós fomos criados por ele. Por que razão? Porque nos vemos que ele estava aqui primeiro e nós aparecemos depois dele.”

2.6. Acontece, bikshus, que o ser a surgir primeiro naquele lugar possui vida mais longa, maior beleza e maior poder do que os seres que surgiram depois dele.

Agora, bikshus, pode vir a ocorrer que um certo ser, após ter sofrido queda daquele estado, venha (a surgir) aqui. Tendo vindo aqui, ele abandona a vida caseira e adota a vida sem lar. Tendo renunciado, ele, por meio de ardor, empenho, aplicação, diligência e atenção correta atinge tal grau de concentração que, com sua mente assim concentrada, rememora sua existência precedente, mas nenhuma anterior a esta. Ele fala assim: “Nós fomos criados por ele, o Brahmā, o Grande Brahmā... Ele é permanente, estável, eterno, não sujeito à mudança, e ele permanecerá o mesmo para todo o sempre. Mas nós que fomos criados por este Brahmā e viemos aqui — nós somos impermanentes, instáveis, de vida curta e destinados a perecer.”²⁴

Esta é, bikshus, a primeira razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes proclamam a eternidade parcial e a não-eternidade parcial do eu e do mundo.

2.7. No segundo caso... Existem certos devas denominados “corrompidos ludicamente”.²⁵ Eles passam um tempo excessivo dados aos deleites do jogo e da diversão. Como consequência, sua mentação plena é dissipada; tornados distraídos, esses devas sofrem queda daquele estado.²⁶

2.8. Agora, bikshus, isto pode vir a ocorrer que um certo ser, após ter sofrido queda daquele estado, venha (a surgir) aqui. Tendo vindo aqui, ele abandona a vida caseira e adota a vida sem lar. Tendo renunciado, ele, por meio de ardor... rememora sua existência precedente, mas nenhuma anterior a esta.

2.9. Ele fala assim: “Aqueles honrados devas, que não estão corrompidos ludicamente, não passam um tempo excessivo dados aos deleites do jogo e da diversão. Como consequência, sua mentação plena não é dissipada; não sendo distraídos, eles não sofrem queda daquele estado. Eles são permanentes, estáveis, eternos, não sujeitos à mudança, e eles permanecerão os mesmos para

[5. Doutrinas da Originação Fortuita (*Adhiccagamuppanavāda*): Pontos de Vista 17-18]

2.30. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são originacionistas-fortuitos³⁹ e que, com base em duas razões, proclamam a originação fortuita do eu e do mundo. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

2.31. Existem, bikshus, certos devas chamados “seres não-percipientes”.⁴⁰ Tão logo lhes surja uma percepção, esses devas sofrem queda daquele estado. Agora, isto pode vir a ocorrer que um certo ser, após ter sofrido queda daquele estado, venha (a surgir) aqui. Tendo vindo aqui, ele abandona a vida caseira e adota a vida sem lar. Tendo renunciado, ele, por meio de ardor, empenho, aplicação, diligência e atenção correta, atinge tal grau de concentração mental que, com sua mente assim concentrada, ele rememora sua existência precedente, mas nenhuma anterior a esta. Ele fala assim: “O eu e o mundo são originados fortuitamente. Qual a razão disto? Porque anteriormente eu não existia, agora eu sou. Não tendo sido, vim a ser.”

Esta é, bikshus, a primeira razão, com base na qual, alguns ascetas e brâmanes que são originacionistas-fortuitos, proclamam a originação fortuita do eu e do mundo.

2.32. No segundo caso... Um certo asceta ou brâmane é adicto à lógica e ao raciocínio. Inculcado pela razão, deduzido logicamente, ele declara seu ponto de vista seguindo sua própria linha de pensamento, assim: “O eu e o mundo são originados fortuitamente.”

Esta é, bikshus, a segunda razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes, que são originacionistas-fortuitos, proclamam a originação fortuita do eu e do mundo.

2.33. É com base nessas duas razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes, que são originacionistas-fortuitos, proclamam a originação fortuita do eu e do mundo.... Fora estas não há nenhuma outra.

2.34. [*repete § 1.36-37*]

2.35. É com base nessas dezoito razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes, que são especuladores do passado e que têm opiniões fixas sobre o passado, propõem várias teorias especulativas acerca do passado. E quaisquer ascetas ou brâmanes que sejam especuladores do passado, que tenham opiniões fixas sobre o passado, e venham a propor várias teorias especulativas acerca do passado —, todos eles o fazem com base nestas razões, ou numa delas. Fora estas não há nenhuma outra.

2.36. Isto, bikshus, o Tathāgata entende: estes pontos de vista assim apreendidos e a eles aderidos, levarão a tal e tal futuro destino, a tal e tal estado num

[3. Doutrinas do Finitismo e Infinitismo (*Antāmantavāda*): Pontos de Vista 9 - 12]

2.16. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são finitistas e infinitistas e que, com base em quatro razões, proclamam a finitude e infinidade do mundo. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

2.17. Aqui, bikshus, um certo asceta ou brâmane, por meio de ardor, empenho, aplicação, diligência e atenção correta, atinge tal grau de concentração mental que, com sua mente assim concentrada, ele permanece percebendo o mundo como finito. Ele fala assim: “Este mundo é finito e confinado. Qual a razão disto? Porque eu, por meio de ardor... permaneço percebendo o mundo como finito. Por esta razão eu sei isto: o mundo é finito e confinado.”

Esta é, bikshus, a primeira razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes proclamam a finitude e infinidade do mundo.

2.18. No segundo caso... Um certo asceta ou brâmane, por meio de ardor... permanece percebendo o mundo como infinito. Ele fala assim: “Este mundo é infinito e não-confinado. Qual a razão disto? Porque eu, por meio de ardor... permaneço percebendo o mundo como infinito. Por esta razão eu sei isto: o mundo é infinito e não-confinado.”

Esta é, bikshus, a segunda razão...

2.19. No terceiro caso... Um certo asceta ou brâmane, por meio de ardor... permanece percebendo o mundo como finito na direção ascendente e descendente, e como infinito transversalmente. Ele fala assim: “Este mundo é finito e infinito. Aqueles ascetas e brâmanes que declaram ser o mundo finito e confinado, estão mentindo; e aqueles que declaram ser o mundo infinito e não-confinado, também mentem. Este mundo é finito e infinito. Qual a razão disto? Porque eu, por meio de ardor... permaneço percebendo o mundo como finito na direção ascendente e descendente, e como infinito transversalmente.”

Esta é, bikshus, a terceira razão...

2.20. No quarto caso... Um certo asceta ou brâmane é adicto à lógica e ao raciocínio. Inculcado pela razão, deduzido logicamente, ele declara seu ponto de vista seguindo sua própria linha de pensamento, assim: “O mundo não é nem finito nem infinito. Aqueles ascetas e brâmanes que declaram ser o mundo finito e confinado, ou aqueles que declaram-no como infinito e não-confinado ou aqueles que declaram-no como finito e infinito — todos eles mentem. Este mundo não é nem finito nem infinito.”

Esta é, bikshus, a quarta razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes, proclamam a finitude e infinidade do mundo.

2.21. É com base nessas quatro razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâ-

manes, que são finitistas e infinitistas, proclamam a finitude e a infinidade do mundo... Fora estas não há nenhuma outra.

2.22. [repete § 1.36-37]

[4. Doutrinas da Interminável Evasiva (Amarāvikkhepavāda)³²: Pontos de Vista 13 - 16]

2.23. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são evasivos.³³ Quando questionados sobre esta ou aquela matéria, eles recorrem, com base em quatro razões, a declarações evasivas, coleando qual enguias. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

2.24. Aqui, bikshus, um certo asceta ou brâmane não conhece realmente o que é salutar e o que é insalutar. Ele pensa: “Eu não conheço realmente o que é salutar e o que é insalutar. Se, não conhecendo, eu fosse declarar ser algo salutar ou insalutar, isto poderia ser uma mentira da minha parte. Esta minha mentira me afligiria; e se eu ficasse aflito, isto seria para mim um estorvo.”³⁴ Assim, temendo mentir, detestando mentir,³⁵ ele não declara ser algo salutar ou insalutar. Mas, ao ser questionado sobre esta ou aquela matéria, ele recorre a declarações evasivas, coleando qual enguias: “Eu não afirmo assim, nem daquela maneira e nem de outra maneira. Eu não digo que isto não é, nem digo que isto é ou isto ou aquilo.”

Esta é, bikshus, a primeira razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes, quando questionados sobre esta ou aquela matéria, recorrem a declarações evasivas, coleando qual enguias.

2.25. No segundo caso... Um certo asceta ou brâmane não conhece realmente o que é salutar e o que é insalutar. Ele pensa: “Eu não conheço realmente o que é salutar e o que é insalutar. Se, não conhecendo, eu fosse declarar ser algo salutar ou insalutar, ou desejo ou paixão ou ódio ou aversão poderiam despertar em mim. Se eu fosse sentir desejo, paixão, ódio ou aversão dentro de mim, isto seria apego da minha parte. Tal apego me afligiria; e se eu ficasse aflito, isto seria para mim um estorvo.” Assim, temendo o apego, detestando o apego, ele não declara ser algo salutar ou insalutar...

Esta é, bikshus, a segunda razão...

2.26. No terceiro caso... Um certo asceta ou brâmane não conhece realmente o que é salutar e o que é insalutar. Ele pensa: “Eu não conheço realmente o que é salutar e o que é insalutar. Agora, existem ascetas e brâmanes que são inteligentes, hábeis, debatedores experientes, que podem entrar em minúcias, que perambulam por aí demolindo as opiniões alheias com sua sabedoria. Se, não conhecendo, eu fosse declarar ser algo salutar ou insalutar, eles poderiam me interrogar minuciosamente, demandando minhas razões e argumentando.

Se assim o fizessem, eu poderia ser incapaz de responder. Não poder responder me afligiria; e se eu ficasse aflito, isto seria para mim um estorvo.” Assim, temendo o debate, detestando o debate, ele não declara ser algo salutar ou insalutar...

Esta é, bikshus, a terceira razão...

2.27. No quarto caso... Como e com que base, alguns ascetas e brâmanes, que são evasivos, recorrem a declarações evasivas e coleam qual enguias?³⁶

Aqui, bikshus, um certo asceta ou brâmane é de mente embotada e estúpido. Devido a seu embotamento e estupidez, quando questionado sobre esta ou aquela matéria, recorre a declarações evasivas, coleando qual enguia: “Se me perguntares se existe um mundo além — se eu pensasse que há, eu diria que há um mundo além. Mas, eu não afirmo assim, nem daquela maneira e nem de outra maneira. Eu não digo que isto não é, nem digo que isto é ou isto ou aquilo.” [Similarmente com relação às seguintes questões]:

[A.2] “Não há um mundo além?...” [3] “Ao mesmo tempo, há e não há um mundo além?...” [4] “Nem há nem não há um mundo além?...”³⁷

[B.1] “Existem seres espontaneamente nascidos?...”³⁸ [2] “Não existem seres espontaneamente nascidos?...” [3] “Ao mesmo tempo, existem e não existem seres espontaneamente nascidos?...” [4] “Nem existem nem não existem seres espontaneamente nascidos?...”

[C.1] “Há fruto e resultado de ações boas e más?...” [2] “Não há fruto e resultado de ações boas e más?...” [3] “Ao mesmo tempo, há e não há fruto e resultado de ações boas e más?...” [4] “Nem há nem não há fruto e resultado de ações boas e más?...”

[D.1] “O Tathāgata existe após a morte?...” [2] “O Tathāgata não existe após a morte?...” [3] “O Tathāgata, ao mesmo tempo, existe e não existe após a morte?...” [4] “O Tathāgata nem existe nem não existe após a morte?...”

“... Se me perguntares ‘o Tathāgata nem existe nem não existe após a morte?’ — se eu pensasse que sim, eu diria assim. Mas, eu não afirmo assim, nem daquela maneira e nem de outra maneira. Eu não digo que isto não é, nem digo que isto é ou isto ou aquilo.”

Esta é, bikshus, a quarta razão, com base na qual alguns ascetas e brâmanes, quando questionados sobre esta ou aquela matéria, recorrem a declarações evasivas, coleando qual enguias.

2.28. É com base nessas quatro razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes, que são evasivos, quando questionados sobre esta ou aquela matéria, recorrem a declarações evasivas, coleando qual enguias... Fora estas não há nenhuma outra.

2.29. [repete § 1.36-37]

é infinita' —, alcança a esfera da consciência infinita.⁵⁶ Isto tu não sabes..." É desta maneira que alguns proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente.

3.15. Um outro lhe diz: "Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas... Mas não é neste ponto que o eu é completamente aniquilado. Porquanto há um outro eu que, transpondo a esfera da consciência infinita, (contemplando) 'não há nada' —, alcança a esfera do nada.⁵⁷ Isto tu não sabes..." É desta maneira que alguns proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente.

3.16. Um outro lhe diz: "Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas.... Mas não é neste ponto que o eu é completamente aniquilado. Porquanto há um outro eu que, transpondo a esfera do nada, (contemplando) 'isto é pacífico, isto é sublime' —, alcança a esfera de nem percepção nem não-percepção.⁵⁸ Isto tu não sabes..." É desta maneira que alguns proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente.

3.17. É com base nessas sete razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes que são aniquilacionistas, proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente. E quaisquer ascetas ou brâmanes que assim procedem, todos eles o fazem com base nestas razões, ou numa delas. Fora estas não há nenhuma outra.

3.18. [repete § 2.36]

[5. Doutrinas do Nirvana Aqui e Agora (*Diṭṭhadhammanibbānavāda*): Pontos de Vista 58-62]

3.19. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são mantenedores da doutrina de nirvana aqui e agora, e que, com base em cinco razões, proclamam (a possibilidade do) supremo nirvana aqui e agora para um ser senciente.⁵⁹ Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

3.20. Aqui, bikshus, um certo asceta ou brâmane sustenta a seguinte doutrina, o seguinte ponto de vista: "Bom senhor, quando quer que este eu, fornecido e suprido que é com os cinco prazeres sensuais, venha a gozá-los —, neste ponto o eu terá atingido o supremo nirvana nesta mesma vida." É desta maneira que alguns proclamam (a possibilidade do) supremo nirvana aqui e agora para um ser senciente.

3.21. Um outro lhe diz: "Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas. Isto eu não nego. Mas não é neste ponto que o eu atinge o supremo nirvana nesta mesma vida. Qual é a razão? Porquanto, senhor, os prazeres sensuais são impermanentes, doloridos e sujeitos à mudança; e mediante sua mudança e transformação, surgem sofrimento, lamentação, dor, tristeza e angústia. Mas, quan-

do mundo além. Isto o Tathāgata sabe, e também o que o transcende, mas ele não está apegado a este próprio entendimento. E estando livre de apego (e mal-compreensão), ele realizou dentro de si a perfeita paz. Tendo entendido, como realmente são, o surgimento e a dissolução dos sentimentos, sua atração, seu perigo e o meio de libertar-se deles, o Tathāgata é emancipado completamente.

Estes, bikshus, são aqueles darmas que são profundos, difíceis de ver, difíceis de entender, pacíficos e sublimes, que estão além da esfera do raciocínio, sutis, compreensíveis somente aos sábios, que o Tathāgata — tendo-os realizado por si mesmo com conhecimento direto — os proclama; e é a respeito destes que aqueles, que acertadamente louvariam o Tathāgata em concordância com a verdade, falaria.

[III.b. Especulações Acerca do Futuro (*Aparantakappika*)]

2.37. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são especuladores do futuro, que têm opiniões fixas sobre o futuro e que, apoiados em quarenta e quatro razões, propõem várias teorias especulativas acerca do futuro. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam suas especulações?

[1. Doutrinas da Existência Percipiente (Pós-morte) (*Saññīvāda*): Pontos de Vista 19-34]

2.38. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são mantenedores da doutrina da existência percipiente pós-morte e que, com base em dezesseis razões, proclamam que o eu é percipiente após a morte. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

Eles proclamam: "O eu, após a morte, é saudável [não sujeito à decadência], percipiente e:

[A.1] material,⁴¹ [2] imaterial,⁴² [3] ambos material e imaterial, [4] nem material nem imaterial;

[B.1] finito, [2] infinito, [3] ambos finito e infinito, [4] nem finito nem infinito;

[C.1] de percepção uniforme, [2] de percepção variada, [3] de percepção limitada, [4] de percepção ilimitada;

[D.1] completamente feliz, [2] completamente miserável, [3] ambos feliz e miserável, [4] nem feliz nem miserável.

2.39. É com base nessas dezesseis razões, bikshus, que aqueles ascetas e

brâmanes que são mantenedores da doutrina da existência percipiente pós-morte, proclamam que o eu é percipiente após a morte. E quaisquer ascetas ou brâmanes que assim procedem, todos eles o fazem com base nestas razões, ou numa delas. Fora estas não há nenhuma outra.

2.40. [repete § 2.36]

[2. Doutrinas da Existência Não-Percipiente (Pós-morte) (*Asaññivāda*):

Pontos de Vida 35-42]

3.1. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são mantenedores da doutrina da existência não-percipiente pós-morte e que, com base em oito razões, proclamam que o eu é não-percipiente após a morte. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

3.2. Eles proclamam: “O eu, após a morte, é saudável [não sujeito à decadência], não-percipiente e:

[A.1] material; [.2] imaterial, [.3] ambos material e imaterial, [.4] nem material nem imaterial;

[B.1] finito, [.2] infinito, [.3] ambos finito e infinito, [.4] nem finito nem infinito.⁴³

3.3. É com base nessas oito razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes que são mantenedores da doutrina da existência não-percipiente pós-morte, proclamam que o eu é não-percipiente após a morte.... Fora estas não há nenhuma outra.

3.4. [repete § 2.36]

[3. Doutrinas da Existência Nem Percipiente Nem Não-Percipiente

(*N’evasaññī nāsaññivāda*): Pontos de Vista 43-50]

3.5. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são mantenedores da doutrina da existência nem percipiente nem não-percipiente pós-morte e que, com base em oito razões, proclamam que o eu é nem percipiente nem não-percipiente após a morte. Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

3.6. Eles proclamam: “O eu, após a morte, é saudável, nem percipiente nem não-percipiente e:

[A.1] material; [.2] imaterial, [.3] ambos material e imaterial, [.4] nem material nem imaterial;

[B.1] finito, [.2] infinito, [.3] ambos finito e infinito, [.4] nem finito nem infinito.⁴⁴

3.7. É com base nessas oito razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes que são mantenedores da doutrina da existência nem percipiente nem não-

percipiente pós-morte, proclamam que o eu é nem percipiente nem não-percipiente após a morte.... Fora estas não há nenhuma outra.

3.8. [repete § 2.36]

[4. Aniquilacionismo (*Ucchedavāda*): Pontos de Vista 51-57]

3.9. Existem, bikshus, alguns ascetas e brâmanes que são aniquilacionistas e que, com base em sete razões, proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente.⁴⁵ Como e com que base esses honrados ascetas e brâmanes formulam seus pontos de vista?

3.10. Aqui, bikshus, um certo asceta ou brâmane sustenta a seguinte doutrina, o seguinte ponto de vista: “Dado que, bom senhor, este eu tem forma material, é composto dos quatro grandes elementos⁴⁶ e é produto de mãe e pai⁴⁷, com a dissolução do corpo ele é aniquilado e destruído, e não existe após a morte; neste ponto o eu é completamente aniquilado.” É desta maneira que alguns proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente.

3.11. Um outro lhe diz: “Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas. Isto eu não nego. Mas não é neste ponto que o eu é completamente aniquilado. Porquanto há um outro eu — divino,⁴⁸ tendo forma material, movendo-se no (mundo) sensual,⁴⁹ nutrindo-se com alimento edível.⁵⁰ Isto tu não sabes e não vês, mas eu o sei e o vejo. Dado que este eu, com a dissolução do corpo, é aniquilado e destruído e não existe após a morte, é neste ponto que o mesmo é aniquilado.”⁵¹ É desta maneira que alguns proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente.

3.12. Um outro lhe diz: “Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas... Mas não é neste ponto que o eu é completamente aniquilado. Porquanto há um outro eu — divino, tendo forma material, feito de mente,⁵² completo em todas as suas partes menores e maiores [membros, órgãos], não deficiente de qualquer faculdade. Isto tu não sabes...” É desta maneira que alguns proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente.

3.13. ⁵³Um outro lhe diz: “Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas... Mas não é neste ponto que o eu é completamente aniquilado. Porquanto há um outro eu que, transpondo percepções de forma material, pelo desaparecimento de percepções de resistência,⁵⁴ não prestando atenção a percepções de diversidade, (contemplando) ‘espaço é infinito’ —, alcança a esfera do espaço infinito.⁵⁵ Isto tu não sabes...” É desta maneira que alguns proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente.

3.14. Um outro lhe diz: “Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas... Mas não é neste ponto que o eu é completamente aniquilado. Porquanto há um outro eu que, transpondo a esfera do espaço infinito, (contemplando) ‘consciência

na da existência não-percípiente pós-morte; ...da doutrina da existência nem percípiente nem não-percípiente pós-morte; quando aqueles que são aniquilacionistas; quando aqueles que são mantenedores da doutrina de nirvana aqui e agora; quando aqueles que são especuladores do futuro com base em quarenta e quatro razões; quando aqueles ascetas e brâmanes que são especuladores do passado, do futuro ou de ambos, que têm opiniões fixas sobre o passado e o futuro e que, apoiados em sessenta e duas razões, propõem várias teorias especulativas acerca do passado e do futuro —, isto é condicionado pelo contato. Que eles possam experienciar tais sentimentos sem contato — isto é impossível.

[3. Exposição da Roda Condicionada (*Diṭṭhigatikādhīṭṭhānavaṭṭakathā*)]

3.71. Com relação a isso [*repete as doutrinas acima*], todos os ascetas e brâmanes experimentam esses sentimentos pelo repetido contato através das seis bases sensoriais (de contato).⁷⁰ Com sentimento como condição, neles surge a sede (ou anelo); sede condiciona o apego; o apego condiciona o vir-a-ser; vir-a-ser condiciona o nascimento; e com nascimento como condição surgem envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, angústia e desespero.⁷¹

[4. O Término da Roda (*Vivaṭṭakathādi*)]

Quando um bikshu entende, conforme realmente são, o surgimento e a dissolução das seis bases de contato, sua atração e perigo, e o meio de escape delas, então ele sabe aquilo que transcende todos estes pontos de vista.

3.72. Quaisquer ascetas ou brâmanes que são especuladores do passado, do futuro ou de ambos, que têm opiniões fixas sobre o passado e o futuro e que propõem várias teorias especulativas acerca do passado e do futuro —, todos eles são capturados na rede, com suas sessenta e duas divisões; onde e quando quer que eles emergem e tentem escapular para fora, eles são capturados e mantidos nesta rede.

Justamente como um hábil pescador ou seu aprendiz que, após estender sua rede de malha fina sobre a água, viesse a pensar: “Quaisquer criaturas de (qualquer) tamanho que estiverem neste lago, todas elas são apanhadas nesta rede, capturadas e mantidas nesta mesma rede” —, assim mesmo com todos esses ascetas e brâmanes: todos eles são apanhados nesta rede com suas sessenta e duas divisões. Onde e quando quer que eles emergem e tentem escapular para fora, eles são capturados e mantidos nesta rede.

3.73. O corpo do Tathāgata, bikshus, está com o liame ao vir-a-ser cortado.⁷² Enquanto seu corpo subsistir, devas e homens o verão. Mas, com a dissolução de seu corpo e a exaustão do termo-de-vida, eles não mais o verão.

do quer que este eu, desprendido dos prazeres sensuais, desprendido de estados insalutares, venha a entrar e permanecer no primeiro *jhāna*⁶⁰ — que é acompanhado de pensamento e ponderação,⁶¹ e tem enlevo⁶² e felicidade⁶³ nascidos do desprendimento —, é neste ponto, senhor, que o eu atinge o supremo nirvana nesta mesma vida.” É desta maneira que alguns proclamam (a possibilidade do) supremo nirvana aqui e agora para um ser senciente.

3.22. Um outro lhe diz: “Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas... Mas não é neste ponto que o eu atinge o supremo nirvana nesta mesma vida... Porquanto, senhor, dado que este estado contém pensamento e ponderação, ele é considerado grosseiro. Mas, quando quer que este eu, amainando o pensamento e a ponderação, venha a entrar e permanecer no segundo *jhāna* — que é acompanhado de serenidade interna e de mente unificada, está livre de pensamento e ponderação, e tem enlevo e felicidade nascidos da concentração⁶⁴ —, é neste ponto, senhor, que o eu atinge o supremo nirvana nesta mesma vida.” É desta maneira que alguns proclamam (a possibilidade do) supremo nirvana aqui e agora para um ser senciente.

3.23. Um outro lhe diz: “Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas... Mas não é neste ponto que o eu atinge o supremo nirvana nesta mesma vida... Porquanto, senhor, dado que este estado contém enlevo e hilaridade (mental), ele é considerado grosseiro. Mas, quando quer que este eu, com o debilitamento do enlevo, venha a residir em equanimidade,⁶⁵ claramente compreendendo⁶⁶ e (mantendo) a mentação plena, experimentando no corpo aquela felicidade acerca da qual os Arahants dizem: ‘Ele habita feliz, em equanimidade e mentação plena’, e assim entra e permanece no terceiro *jhāna* —, é neste ponto, senhor, que o eu atinge o supremo nirvana nesta mesma vida.” É desta maneira que alguns proclamam (a possibilidade do) supremo nirvana aqui e agora para um ser senciente.

3.24. Um outro lhe diz: “Bom senhor, há um tal eu como tu sustentas. Isto eu não nego. Mas não é neste ponto que o eu atinge o supremo nirvana nesta mesma vida. Qual é a razão? Porquanto, senhor, dado que este estado contém uma preocupação mental com a felicidade, ele é considerado grosseiro. Mas, quando quer que este eu, abandonando o prazer e a dor, e com o desaparecimento da alegria e da tristeza anteriores, venha a entrar e permanecer no quarto *jhāna*⁶⁷ — que é desprovido de prazer e dor, e tem a mentação plena purificada mediante a equanimidade —, é neste ponto, senhor, que o eu atinge o supremo nirvana nesta mesma vida.” É desta maneira que alguns proclamam (a possibilidade do) supremo nirvana aqui e agora para um ser senciente.

3.25. É com base nessas cinco razões, bikshus, que aqueles ascetas e brâmanes que são mantenedores da doutrina de nirvana aqui e agora, proclamam (a possibilidade do) supremo nirvana nesta mesma vida para um ser senciente. E quaisquer ascetas ou brâmanes que assim procedem, todos eles o fazem com

base nestas razões, ou numa delas. Fora estas não há nenhuma outra.

3.26. [repete § 2.36]

3.27. É com base nessas quarenta e quatro razões, bikshus, que alguns ascetas e brâmanes, que são especuladores do futuro, que têm opiniões fixas sobre o futuro, propõem várias teorias especulativas acerca do futuro.... Fora estas não há nenhuma outra.

3.28. [repete § 2.36]

3.29. É com base nessas sessenta e duas razões, bikshus, que alguns ascetas e brâmanes, que são especuladores do passado, especuladores do futuro, especuladores do passado e futuro juntos, que têm opiniões fixas sobre o passado e o futuro, propõem várias teorias especulativas acerca do passado e do futuro. E quaisquer ascetas ou brâmanes que são especuladores do passado e do futuro, que têm opiniões fixas sobre o passado e o futuro e propõem várias teorias especulativas acerca do passado e do futuro, todos eles o fazem com base nestas razões, ou numa delas. Fora estas não há nenhuma outra.

3.30. Isto, bikshus, o Tathāgata entende: estes pontos de vista assim apreendidos e a eles aderidos, levarão a tal e tal futuro destino, a tal e tal estado num mundo além. Isto o Tathāgata sabe, e também o que o transcende, mas ele não está apegado a este próprio entendimento. E estando livre de apego (e mal-compreensão), ele realizou dentro de si a perfeita paz. Tendo entendido, como realmente são, o surgimento e a dissolução dos sentimentos, sua atração, seu perigo e o meio de libertar-se deles, o Tathāgata é emancipado completamente.

3.31. Estes, bikshus, são aqueles darmas que são profundos, difíceis de ver, difíceis de entender, pacíficos e sublimes, que estão além da esfera do raciocínio, sutis, compreensíveis somente aos sábios, que o Tathāgata — tendo-os realizado por si mesmo com conhecimento direto — os proclama; e é a respeito destes que aqueles, que acertadamente louvariam o Tathāgata em concordância com a verdade, fariam.

[III.c. Conclusão]

[1. Inquietação e Vacilação (*Paritassitavipphandita*)]

3.32. Quando, bikshus, aqueles ascetas e brâmanes que são eternalistas e que, com base em quatro razões, proclamam a eternidade do eu e do mundo, isto é meramente o sentimento daqueles que não sabem e não vêem, a inquietação e vacilação daqueles que estão imersos em sede [ou anelo].

3.33-37 Quando, bikshus, aqueles ascetas e brâmanes, com base em quatro

razões, proclamam a eternidade parcial e a não-eternidade parcial do eu e do mundo; quando, com base em quatro razões, proclamam a finitude e infinidade do mundo; quando, questionados sobre esta ou aquela matéria, recorrem, com base em quatro razões, a declarações evasivas, coleando qual enguias; quando, com base em duas razões, proclamam a originação fortuita do eu e do mundo; quando, aqueles ascetas e brâmanes, que são especuladores do passado, que têm opiniões fixas sobre o passado e que, apoiados em dezoito razões, propõem várias teorias especulativas acerca do passado —, isto é meramente o sentimento daqueles que não sabem e não vêem, a inquietação e vacilação daqueles que estão imersos em sede.

3.38-43 Quando, com base em dezesseis razões, proclamam que o eu é percipiente após a morte; quando, com base em oito razões, proclamam que o eu é não-percipiente após a morte; quando, com base em oito razões, proclamam que o eu é nem percipiente nem não-percipiente após a morte; quando, com base em sete razões, proclamam a aniquilação, destruição e extinção de um ser senciente; quando, com base em cinco razões, proclamam (a possibilidade do) supremo nirvana aqui e agora para um ser senciente; quando, aqueles ascetas e brâmanes, que são especuladores do futuro, que têm opiniões fixas sobre o futuro e que, apoiados em quarenta e quatro razões, propõem várias teorias especulativas acerca do futuro —, isto é meramente o sentimento daqueles que não sabem e não vêem, a inquietação e vacilação daqueles que estão imersos em sede.

3.44. Quando, bikshus, aqueles ascetas e brâmanes, que são especuladores do passado, do futuro ou de ambos, que têm opiniões fixas sobre o passado e o futuro e que, apoiados em sessenta e duas razões, propõem várias teorias especulativas acerca do passado e do futuro —, isto é meramente o sentimento daqueles que não sabem e não vêem, a inquietação e vacilação daqueles que estão imersos em sede.

[2. Condicionado pelo Contato (*Phassapaccayavāra*)]⁶⁸

3.45 (3.58) Quando, bikshus, aqueles ascetas e brâmanes que são eternalistas e que, com base em quatro razões, proclamam a eternidade do eu e do mundo, isto é condicionado pelo contato.⁶⁹ Que eles possam experimentar tal sentimento sem contato — isto é impossível.

3.46-57 (3.59-70) Quando aqueles ascetas e brâmanes, que são eternalistas com respeito a algumas coisas e não-eternalistas com respeito a outras coisas; quando aqueles que são finitistas e infinitistas; quando aqueles que são evasivos; quando aqueles que são originacionistas-fortuitos; quando aqueles que são especuladores do passado com base em dezoito razões; quando aqueles que são mantenedores da doutrina da existência percipiente pós-morte; ...da doutri-

podemos deixar de pensar no enigma do que convencionou-se chamar, em Paleontologia e Antropologia, de “o elo perdido”. Como se sabe, ossadas de criaturas primitivas semelhantes a nós foram descobertas em várias partes do mundo, as mais recentes datando de aproximadamente 400.000 anos atrás. No entanto, no período de 400.000–30.000 não foram encontrados quaisquer vestígios de seres sencientes que pudessem servir de elo entre os primitivos seres e o homem moderno. Ademais, cientistas britânicos, após recentes análises minuciosas de restos de ossos do “homem” neandertal descobertos na Europa, declararam que o homem moderno não é descendente do mesmo. Os cientistas estão de tal modo obsecados com a teoria da evolução contínua, que suas mentes não estão sendo capazes de conceber outras idéias alternativas.

19. Radiância, fulgor. Espécie de seres descritos no Cânone Páli como habitantes de um mundo chamado *Ābhassaraloka*. No *Digha Nikāya*, eles são reconhecidos apenas como seres; provavelmente, é na literatura mais tardia que eles vieram a ser considerados como devas. Esta esfera aparece ainda em dois sutras do DN, no contexto da estória das origens do mundo e dos seres: o mundo *Ābhassara* é onde parte dos seres vão aparecer (renascer) quando o sistema-mundo começa a se dissolver, no seu curso permanente de evolução (*vivaṭṭa*) e involução (*saṃvaṭṭa*). De acordo com *Aggañña Sutta* (DN 27), os *Ābhassaras* são habitantes do mundo de onde os seres renascem (provêm) quando da re-evolução da Terra que já tivera sua involução.

Esta esfera não é a mais elevada, mas está, talvez espacialmente e certamente espiritualmente, acima do mundo de *Brahmā*, descrito mais adiante. Ela não está sujeita à destruição e, portanto, é um dos locais de onde provêm os seres quando da evolução do mundo. Ao contrário, o mundo de *Brahmā*, mencionado mais adiante, é destruído pela conflagração, mas reaparece num dos estágios preliminares.

20. *Manomayā*. Mentalmente criados, não são gerados sexualmente. Eles são devas (Para maiores detalhes sobre a natureza destes, veja literatura indicada na Nota 7.)
21. Não requerem alimento material, mas são nutridos pelo fator de regozijo/enlevo (*pīti*) da absorção meditativa (*jhāna*). Ela não é classificada como sentimento, mas como parte do grupo das formações mentais (*saṅkhārā*), i.é. como uma reação mental.
22. O tempo de vida dos seres é fixo em algumas esferas, e variável em outras. Mérito (*puñña*) é uma ação carmicamente salutar, ocasionando renascimento favorável.
23. Estes epítetos, que na época estavam na boca de qualquer brâmane, ocorrem entre outros em MN 49.1 seg.
24. Nós percebemos aqui o eco de um Teísmo: reconhecem no *Brahmā* o deus todo poderoso, mas consideram a vida humana impermanente e de duração limitada.
25. *Khiḍḍapadosikā*. Estes devas e o próximo grupo são mencionados somente aqui e nos sutras 20, 24. Eles exemplificam as conseqüências do desejo e da aversão mesmo nos mundos (relativamente) “elevados”. Progresso moral e espiritual é virtualmente impossível fora da existência humana, de maneira que eles poderiam ser considerados venturosos por voltar a este estado.
26. Isto é, da condição de deva. Não está claro de que esfera de existência se trata.
27. Espécie de Politeísmo, mantido por seres que foram outrora devas corrompidos

Justamente, *bikshus*, como o talo de um cacho de manga que, ao ser cortado, todas as mangas a ele conectadas vão junto —, assim mesmo o corpo do *Tathāgata* está com o liame ao vir-a-ser cortado. Enquanto seu corpo subsistir, devas e homens o verão. Mas, com a dissolução de seu corpo e a exaustão do termo-de-vida, eles não mais o verão.

3.74. A estas palavras, o Venerável *Ānanda* disse ao Bem-aventurado: “Isto é esplêndido, Senhor, isto é maravilhoso! Qual é o nome, Senhor, desta exposição do *Darma*?”

“*Ānanda*, podes te lembrar desta exposição do *Darma* como ‘A Rede da Vantagem’, como ‘A Rede do *Darma*’, como ‘A Suprema Rede’, como ‘A Rede dos Pontos de Vista’ ou como ‘A Incomparável Vitória em Batalha’.”

Assim falou o Bem-aventurado, e os *bikshus* regozijaram-se e deleitaram-se com suas palavras. Enquanto esta exposição estava sendo feita, o sistema-mundo dos dez mil tremeu.



NOTAS

1. Tradução alternativa: A Divina Rede. É importante notar que a palavra *brahma* do título em páli, é usada como adjetivo — um emprego exclusivamente budista —, e tem o sentido de algo supremo, sublime, quase-divino. Ela deriva do termo védico *brāman* que, na literatura védica anterior ao Buda, empregava-se em duas formas gramaticais: como neutro e no masculino. Na sua forma neutra, significava (nas palavras do estudioso Martin Haug) “uma força mágica que é derivada da cooperação ordeira dos hinos, dos cânticos e das oferendas sacrificais”; a forma masculina correspondia aproximadamente ao que nos denotamos por “brāmane”. A forma masculina de “Brahmā”, com as qualificações que eram-lhe atribuídas (veja § 2.3-5), só surgiu mais tarde, provavelmente pouco antes da era de Buda.
2. O narrador é o discípulo Ānanda.
3. Nālandā, posteriormente a sede de famosa universidade budista, situava-se a 12 km ao norte de Rājagaha (a moderna Rajgir), capital de Magadha.
4. Monge-mendicante budista.
5. Suppiya, um filósofo andarilho, era um seguidor do célebre instrutor Sañjaya Belaṭṭhaputta (veja DN 2.31 seg.). Sāriputta e Moggallāna, os mais famosos discípulos de Buda, eram originalmente seguidores de Sañjaya, e foi a defeção deles que irritava Suppiya.
6. A Comunidade ou Ordem budista de bikshus.
7. Literalmente “o merecedor”, também “o consumado”. Termo usado para se referir a uma pessoa que alcançou o estágio final do progresso espiritual, i.é. a Iluminação. Para maiores detalhes, veja Glossário no livro N.Cohen: *Dhammapada - A Senda da Virtude* (Editora Palas Athena, 2000).
8. Estes títulos sobre moralidade ocorrem, nos manuscritos, após cada secção. Estas secções formam parte de cada um dos 13 sutras desta divisão do DN. Por isso, esta divisão foi denominada de *Silakkhandha Vagga* ou Divisão sobre Moralidade.
Certos parágrafos ocorrem em outros lugares do Cânone:
A Secção Menor = MN 27.13 (I.179); AN X.99 (v.204).
§ 1.13 (itens 13-16) = Vin IV.107 (*Pācittiya* 50).
§ 1.14 = Vin CV I, 13.2 (ii.10); iii.80; MN 38.28 (I.266) (itens 10-15).
§ 1.15 = Vin MV V,10.4 (I.192); CV VI,8.1 (ii.163); AN III.63 (I.181) [exceto o último item].
§ 1.17 = Vin MV V,6.3 (I.188); MN Suttas 76, 77.
§ 1.18 = MN 77.6 (ii.3).
§ 1.20 = AN V.83 (iii.111).
9. *Putthujjana*, “pessoa mundana”, pessoa que ainda não se inteirou dos ensinamentos de Buda.
10. A maneira costumeira do Buda se referir a si mesmo. Literalmente: “aquele que tenha assim vindo ou chegado”, “aquele que tenha lá ido”. Para maiores detalhes, veja publicação indicada na Nota 7.
11. Este “refrão”: ‘É assim...’ é repetido após cada cláusula. Aqui ela será dada no início e no fim de cada secção.
12. No entanto, mais tarde, o Buda aceitou terras doadas ao Sangha pelo Anāthapindika

e outros.

13. É possível que este texto seja anterior à redação final do Vinaya. Dos vinte itens aqui mencionados, três (usar xampu, banhos e sombrinhas) eram permitidos no Sangha e praticados pelo próprio Buda. Quartos de banho são permitidos pelo Vin CV VI.4.10 (iii.189); uso de xampu por Vin CV V.1.5 (iii.68) e VIII.8.2. O uso de sombrinhas é permitido por Vin CV V.23.3 (iii.132-3), e há referência a ele no Vin CV.9.5 (iii.88) e VIII.1.2.
O exame dos textos no Vinaya mostra claramente que as permissões foram introduzidas em certas épocas para atender às circunstâncias emergentes. Isto mostra que o texto no Brahmajāla é anterior às modificações introduzidas. O sutra é também mencionado em outros textos, por exemplo, SN IV.7.3.
14. literalmente: animalésca.
15. Aqui tem o sentido de matérias especiais ligadas à Lei Natural, com as qualificações dadas no texto.
16. *Loka*, a palavra que descreve o universo inteiro, embora seu significado principal pareça ser aquele que o descreve como o “habitat” dos deuses e dos homens. De acordo com uma passagem freqüentemente repetida nos Nikāyas, o Buda é alguém que entendeu o mundo “com seus devas, Māra e Brahmā; toda a criação com os ascetas e brāmanes, o mundo dos homens e dos devas.” Nestas passagens e em outras o *loka* é explicado como sendo todo o mundo perceptível. O *loka* na sua imensidade é ilimitado. No Cânone Páli ele é considerado como um dos elementos “impensáveis”.
17. Isto é, não produzem nada novo.
18. *Samvatta-vivaṭṭam*, involução–evolução. Estas são as duas divisões primárias do grande éon (*mahākappa*). A duração de um único processo evolucionário é um éon ou ciclo mundial, um *kappa*, que os Comentários o subdividem em quatro: uma fase de dissolução (involução) (*samvaṭṭa kappa*); uma fase estática após a dissolução e antes da próxima fase de evolução (*samvaṭṭa tiṭṭhati*); um período de evolução (*vivaṭṭa kappa*); e um período estático após a evolução e antes da próxima fase de dissolução (*vivaṭṭa tiṭṭhati*). A duração de qualquer uma dessas fases de um *kappa* não pode ser determinado; sendo, portanto, incalculável, ele é freqüentemente ilustrado por meio de símiles.
De acordo com o Prof. Rhys Davids, nem a idéia e nem a palavra ocorrem em textos anteriores ao Buda. Mas, ele considera ser esta uma teoria mais indiana do que budista.
Importante notar que esta teoria astronômica antiga tem sua equivalente moderna. O astrônomo Edwin Powell Hubble (1889–1953) demonstrou que o espaço, inflado pelo sopro de uma explosão primordial, expande-se levando com ele galáxias inteiras. Allan Rex Sandage, considerado por muitos como o astrônomo deste final de século e tido como um herdeiro do Hubble, já propôs que o Universo pode ter um movimento de expansão e contração num período de 80 bilhões de anos.
Outra coisa importante a notar na teoria budista explanada aqui por Buda, é que, mesmo nos períodos de contração, as formas de vida não são suprimidas de todo, subsistindo em esferas especiais de onde brotarão, vindo a surgir, entre outros, na Terra durante a expansão do Universo (veja nota seguinte). Neste contexto, não

Sumário dos Sessenta e Dois Pontos de Vista

A. Especulações acerca do Passado (18 Pontos de Vista)

1. Eternalismo (*Sassatavāda*)
 - (i) Baseado na rememoração de até 100.000 vidas passadas, proclamam a eternidade do eu (alma?) e do mundo [1.31];
 - (ii) Baseado na rememoração de até dez éons de contrações e expansões do mundo...[1.32]
 - (iii) Baseado na rememoração de até quarenta éons de contrações e expansões do mundo...[1.33]
 - (iv) Baseado em mero raciocínio, proclamam a eternidade do eu e do mundo (são lógicos e argumentadores) [1.34].
 2. Eternalismo Parcial (*Ekaccasassatavāda*)
 - (i) Teísmo: reconhecem no Brahmā o deus todo poderoso, mas consideram a vida humana impermanente e de duração limitada [2.2-6].
 - (ii) Politeísmo: mantido por seres que no passado foram devas corrompidos ludicamente; proclamam ser os devas não-corrompidos permanentes, eternos, etc., enquanto se consideram a si mesmos impermanentes, de vida curta, etc. [2.7-9].
 - (iii) Politeísmo: mantido por seres que no passado foram devas corrompidos mentalmente...[2.10-12]
 - (iv) Dualismo racionalista de um corpo impermanente e uma mente eterna. [2.13]
 3. Finitismo e Infinitismo (*Antāmantavāda*)
 - (i) O ponto de vista de que o mundo é finito. [2.17]
 - (ii) O ponto de vista de que o mundo é infinito. [2.18]
 - (iii) O ponto de vista de que o mundo é finito na direção ascendente e descendente, e infinito transversalmente. [2.19]
 - (iv) O ponto de vista racionalista de que o mundo não é nem finito nem infinito. [2.20]
 4. Doutrinas da Interminável Evasiva (*Amarāvikkhepavāda*)
 - (i) Por não saber o que é salutar e insalutar, lança mão de evasivas por receio de que venha a pronunciar uma inverdade. [2.24]
 - (ii) O mesmo que o anterior, porém por receio de apego. [2.25]
 - (iii) O mesmo que o anterior, porém por receio de ser colocado à prova e desmentido. [2.26]
 - (iv) O mesmo que o anterior, porém por ser estúpido e de mente embotada. [2.27]
28. *Mano-padosikā*. Parecidos aos anteriores, porém estão num nível mais baixo.
 29. De acordo com os Comentários, aqui estaria implícita a cobiça ou a inveja.
 30. Veja nota 27 acima.
 31. Dualismo racionalista de um corpo impermanente e uma mente eterna.
 32. Literalmente: A Doutrina de Colear-se qual Enguia. Os que lançam mão das evasivas são aparentados a este peixe serpentiforme.
 33. *Amarāvikkhepikā*, literalmente: coleantes qual enguia.
 34. Para o treinamento elevado ou para um renascimento celestial (Comentário). Cp. §1.5 para o anterior.
 35. Devido à vergonha e temor morais (*hiri-ottappa*) (Comentário), i.é., vergonha em fazer o que é errado, e o temor disto. Estas duas qualidades são chamadas “guardiões do mundo”. É reconhecido, portanto, que as três primeiras classes dos “coleantes-qual-enguia” têm consciência moral. Sua evasiva decorre de falta de entendimento e não de falta de escrúpulo.
 36. No *Sāmaññaphala Sutta* (DN 2), o ponto de vista seguinte é atribuído ao Sañjaya Belaṭṭhaputta (veja Nota 5).
 37. As quatro “alternativas” da lógica indiana: uma coisa (a) é, (b) não é, (c) é e não é, ao mesmo tempo, (d) nem é nem não é.
 38. *Opapātikā*. Assim chamados porque eles adquirem existência própria, ou aqui ou em outro mundo, sem a intervenção de pais, e assim parecem surgir sem nenhuma causa.
 39. *Adhiccasmuppanikā*. Tendo atingido uma absorção meditativa elevada e temendo os perigos da existência percipiente, eles desejaram e obtiveram um estado não-percipiente. Com o primeiro acordar da percepção, porém, eles caem daquele domínio (Comentário).
 40. *Asañña-sattā*.
 41. ou que tem forma. Este ponto de vista é atribuído aos Ājivikas pelo comentarista Buddhaghosa; veja DN 2.19-20.
 42. ou informe. Ponto de vista atribuído aos Nigaṇṭhas ou Jainas. O Comentário diz que os outros pontos de vista são baseados em variadas experiências meditativas.
 43. O Sub-Comentário explica: [A.1] é baseado na experiência do domínio não-percipiente (veja Nota 38); [A.2] toma a percepção como sendo o eu; [A.3] considera os *darmas* materiais ou material e imaterial + percepção como sendo o eu; [A.4] é baseado no raciocínio; [B.1-4] devem ser entendidos como associados com as absorções meditativas (*jhānas*) elevadas.
 44. O [A.1] é baseado numa sutil percepção incapaz de executar essa função na morte e no seu ligamento [ao útero] antes do renascimento. O resto como na nota anterior (Sub-Comentário).
 45. O *Kaṭha Upanishad* I,20 alude a tal crença.
 46. “Terra” (*paṭhavi*) ou extensão, “água” (*āpo*) ou coesão, “fogo” (*tejo*) ou temperatura, “ar” (*vāyo*) ou movimento: os nomes tradicionais dados às quatro qualidades presentes, em variadas proporções, em toda matéria.
 47. De acordo com a visão budista, é requerida, adicionalmente, a presença do *gandhabba* ou o “ser-a-ser-nascido”, i.é., o surgimento de uma nova “continuidade”

de de consciência” dependente daquela de algum ser que acaba de falecer. Comp. MN 38.1-7.

48. *Dibba* (sânscrito, *divya*), derivado da mesma raiz que o *deva*; comp. o latim *divus*.
49. *Kāmāvacara*. Pertenceria à esfera sensual (*kāmaloka*), o mais baixo dos três mundos.
50. *Kabalinkārāhāra*, geralmente significa “alimento material”. Aqui ele denota o tipo de nutrimento com o qual os devas subsistem.
51. O Comentário diz que este identifica o eu com a forma divina (*dibb’atthabhāva*), i.é., com a forma dos devas da esfera sensual. A suposição é que este eu sobrevive à dissolução do corpo físico por um certo período de tempo, “aniquiação” ocorrendo na sua cessação, e similarmente com os eus restantes. Conforme foi apontado em outro lugar, somente a primeira forma de aniquilacionismo é materialística; seis admitem que a doutrina poderá tomar uma aparência espiritual.
52. Produzido pela mente-*jhāna* (absorção meditativa) (Comentário) ?
53. Os seguintes pontos de vista correspondem às 4-7 “libertações” (*arūpa vimokhā*) (DN 15.35) ou às quatro “informes” *jhānas* (absorções meditativas) elevadas.
54. A idéia de resistência (*paṭigha*) aqui não é ética, mas refere-se aos sentidos. Não ter qualquer senso de reação ao toque, qualquer oposição ao esforço muscular. Pelo descrito no MN 26.15 (I,164), este parece ser o ponto de vista do primeiro instrutor de Gotama, Ālāra Kālāma.
55. Compare com a quarta *vimokha* (libertação).
56. Compare com a quinta *vimokha*. Pelo MN 26.16 (I,165) depreende-se ser este o ponto de vista de Rāma, cujo filho e pupilo, Uddaka, fora o segundo preceptor de Gotama.
57. Compare com a sexta *vimokha*.
58. Compare com a sétima *vimokha*. O texto mostra que as quatro *vimokhas* (libertações) da teoria budista eram consideradas, pelos antigos budistas, como tendo derivado de especulações proximamente aliadas, mais antigas que o budismo, e expressas em fraseologia quase idêntica. (Rhys Davids)
59. Este naturalmente não é o nirvana real do budismo. O Comentário diz tratar-se de amainamento do sofrimento (*dukkhavūpasama*) nesta mesma forma individual (amainamento sendo algo que fica aquém da cessação). O Sub-Comentário acrescenta dizendo que o verdadeiro nirvana está além do domínio destes teóricos.
60. Absorção meditativa. Está claro que o *jhāna* é tomado erroneamente por nirvana.
61. *Vitakka-vicāra*, também traduzido por “pensamento inicial e sustentado”. O *vitakka* é o estabelecimento inicial do pensamento; *vicāra* é a fixação e focalização do mesmo no objeto (meditativo).
62. *Pīti*. Veja Nota 20.
63. *Sukha*, felicidade ou conforto.
64. *Samādhi*.
65. *Upekkhaka*.
66. *Sampajāna*.
67. O texto mostra que os quatro *jhānas* eram considerados pelos antigos budistas como sendo anteriores ao budismo. As próprias palavras usadas são idênticas; a única modificação introduzida pelo budismo sendo a omissão da “alma” [ou eu].

Esses quatro, junto com os quatro *arūpa vimokkhas* (v. Notas 52, 57) perfazem os Oito Atingimentos (*samāpattiyo*), freqüentemente mencionados no Comentário dos Jâtakas como sendo praticados pelos ascetas que antecederam ao Buda. (Rhys Davids)

68. Para evitar repetições excessivas, as várias secções foram combinadas.
69. *Phassa* é o contato entre a base sensorial e seu objeto; p.ex., o olho e um objeto visível, a mente e um objeto mental (pensamento ou idéia). Tal contato é fundamental para a formação do sentimento (*vedanā*).
70. Olho, ouvido, nariz, língua, corpo como base da sensação tátil e mente (que é sempre o sexto sentido no budismo).
71. Esta é a primeira e parcial exposição da Originação Dependente (*paṭicca-samuppāda*), um dos mais importantes (e complexos) ensinamentos de Buda.
72. Tudo o que anteriormente o mantinha preso ao ciclo de renascimento.



5. Doutrinas da Originação Fortuita (*Adhiccagamuppannavāda*)
 - (i) Baseado na rememoração de uma percepção surgida numa vida anterior na esfera dos seres não-percipientes, proclamam a originação casual do eu e do mundo. [2.31]
 - (ii) Baseado em mero raciocínio, proclamam a originação casual do eu e do mundo. [2.32]

B. Especulações acerca do Futuro (44 Pontos de Vista)

1. Doutrinas da Existência Percipiente (Pós-morte) (*Saññīvāda*)
 Eles declaram que o eu (alma?), após a morte, é saudável [não sujeito à decadência], percipiente e:
 - (1) material, (2) imaterial, (3) ambos material e imaterial, (4) nem material nem imaterial; (5) finito, (6) infinito, (7) ambos finito e infinito, (8) nem finito nem infinito; (9) de percepção uniforme, (10) de percepção variada, (11) de percepção limitada, (12) de percepção ilimitada; (13) completamente feliz, (14) completamente miserável, (15) ambos feliz e miserável, (16) nem feliz nem miserável. [2.38]
2. Doutrinas da Existência Não-Percipiente (Pós-morte) (*Asaññīvāda*)
 Eles declaram que o eu (alma?), após a morte, é saudável [não sujeito à decadência], não-percipiente e:
 - (1) material, (2) imaterial, (3) ambos material e imaterial, (4) nem material nem imaterial; (5) finito, (6) infinito, (7) ambos finito e infinito, (8) nem finito nem infinito. [3.2]
3. Doutrinas da Existência Nem Percipiente Nem Não-Percipiente (Pós-morte) (*N'evasaññī nasaññīvāda*)
 Eles declaram que o eu (alma?), após a morte, é saudável, nem percipiente nem não-percipiente e:
 - (1) material, (2) imaterial, (3) ambos material e imaterial, (4) nem material nem imaterial; (5) finito, (6) infinito, (7) ambos finito e infinito, (8) nem finito nem infinito. [3.6]
4. Aniquilacionismo (*Ucchedavāda*)
 Proclamam a aniquilação, destruição e extinção do ser após a morte:
 - (i) Aniquilação do ser composto dos quatro elementos. [3.10]
 - (ii) Aniquilação do eu divino pertencente à esfera sensorial. [3.11]
 - (iii) Aniquilação do eu divino pertencente à esfera mental (matéria fina). [3.12]
 - (iv) Aniquilação do eu pertencente à esfera do espaço infinito. [3.13]
 - (v) Aniquilação do eu pertencente à esfera da consciência infinita.

[3.14]

(vi) Aniquilação do eu pertencente à esfera do nada. [3.15]

(vii) Aniquilação do eu pertencente à esfera do nem percepção nem não-percepção. [3.16]

5. Doutrinas do Nirvana Aqui e Agora (*Diṭṭhadhammanibbānavāda*)

(i) Nirvana é realizado nesta mesma vida pelo gozo dos cinco prazeres sensuais. [3.20]

(ii) Nirvana é realizado nesta mesma vida atingindo o primeiro *jhāna* (absorção meditativa). [3.21]

(iii) Nirvana é realizado nesta mesma vida atingindo o segundo *jhāna*. [3.22]

(iv) Nirvana é realizado nesta mesma vida atingindo o terceiro *jhāna*. [3.23]

(v) Nirvana é realizado nesta mesma vida atingindo o quarto *jhāna*. [3.24]

